

## RUY FABIANO

Ponto de Vista

### Visita incômoda

O governador Antônio Carlos Magalhães, da Bahia, principal opositor ao governo Itamar Franco — e também principal avalista do governo deposto de Collor —, está sendo aguardado hoje, em Brasília, para uma audiência com o Presidente. Até aí, nada de mais. Faz parte da rotina dos governadores despachar com o Presidente — e vice-versa.

O que torna a conversa especialmente atraente é o seu conteúdo, previamente divulgado: ACM vem, segundo avisa, exibir provas de corrupção no atual Governo. Estariam ocorrendo irregularidades no Ministério do Bem-Estar Social, relacionadas à distribuição de verbas a prefeituras do interior baiano.

ACM diz que verbas expressivas foram repassadas a prefeitos em final de mandato, quando deveriam pela lógica aguardar a posse dos sucessores. A acusação, até aqui, é vaga. Sugere que os prefeitos em final de mandato fizeram uso indevido do que receberam e o Ministério já teria conhecimento prévio de que isso era inevitável. Não há nomes ou números, mas ACM promete comprovar o que diz. Coincidentemente, o Ministério em pauta é conduzido por um baiano, o deputado Jutahy Júnior, filho de um adversário histórico de ACM, o senador Jutahy Magalhães. ACM, segundo seus adversários, estaria apenas fazendo jogo de cena para reocupar a mídia nacional, de onde perdeu espaço após o fracasso do governo que apoiou.

Ontem, o senador Pedro Simon, líder do governo no Senado, tratou do assunto da tribuna. Ministros têm sido reticentes quando abordados a respeito. O Presidente, idem. Não que haja dificuldades de tratar da questão. O governo Itamar tem sido atento ao problema e está convencido de que, se a corrupção não foi completamente erradicada,

já não é vista a olho nu. A cautela com ACM, recomendada pelo próprio Itamar, deriva da suspeita de que está em curso uma manobra política absolutamente inconveniente para o Governo. Até aqui, todas as críticas lançadas ao Presidente pouparam-no de qualquer insinuação no campo da moral administrativa.

O Presidente, afinal, assumiu o poder no bojo de uma campanha popular de cunho ético, que destronou seu antecessor, em circunstâncias absolutamente inéditas na história republicana. No dia da posse, Itamar inaugurou o gesto simbólico de entregar ao presidente do Congresso sua declaração de bens. E tem, até aqui, insistido em sublinhar seu absoluto desprezo pelas pompas do cargo, onde até o tramento protocolar de Vossa Excelência o deixa irritado.

Pois bem: eis que, subitamente, o maior aliado do governo anterior, deposto sob pesadas acusações de corrupção, em proporções jamais registradas na história do País, decide ocupar o espaço oposicionista, até aqui vago, com o mesmo discurso moralista que fulminou seu antigo aliado. ACM reproduz, em circunstâncias distintas, comportamento do próprio Collor no governo Sarney. Naquela ocasião, o então governador de Alagoas, empunhando um dossiê com denúncias de corrupção, tentou entregá-lo, em meio a grande estardalhaço publicitário, ao presidente. Não foi recebido. Tentou o chefe do SNI, general Ivan Mendes. Também fracassou. Acabou deixando-o com o ministro da Justiça, Oscar Correa, explorando ao máximo a recusa da audiência. Itamar não quer videoteipe. Por isso, recebe pessoalmente ACM, com a gentileza e a fidalguia que os políticos costumam dispensar aos inimigos.